

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

Grégory Frees Nunes

PERSPECTIVAS DA SAÚDE MENTAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
um estudo da publicação científica brasileira

Porto Alegre

2021

Grégory Frees Nunes

PERSPECTIVAS DA SAÚDE MENTAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
um estudo da publicação científica brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito à obtenção do
título de Bacharel em Biblioteconomia da
Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi
Coorientador: Maurício Coelho da Silva

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões
Vice-Reitora: Prof.^a Dr.^a Patricia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Direção: Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Moura
Vice-direção: Prof.^a Dr.^a Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof.^a Dr.^a Rita do Carmo Ferreira Laipelt
Chefe Substituto: Prof.^a Dr.^a Samile Andréa de Souza Vanz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lucia Dias
Coordenadora Substituta: Prof.^a Dr.^a Helen Rose Flores de Flores

CIP - Catalogação na Publicação

Nunes, Grégory Frees
Perspectivas de Saúde Mental na Ciência da
Informação: um estudo da publicação científica
brasileira / Grégory Frees Nunes. -- 2021.
60 f.
Orientador: Valdir José Morigi.

Coorientador: Mauricio Coelho da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Saúde Mental e Ciência da Informação. 2.
Biblioterapia. 3. Ansiedade informacional. I. Morigi,
Valdir José, orient. II. Silva, Mauricio Coelho da,
coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e c Comunicação Comunicação Departamento de
Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro
Santana Porto Alegre/RS – CEP 90035-
007 Telefone: 51 3308 5067
E-mail: fabico@ufrgs.br

Grégory Frees Nunes

PERSPECTIVAS DA SAÚDE MENTAL NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:

um estudo da publicação científica brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito à obtenção do
título de Bacharel em Biblioteconomia da
Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi

Coorientador: Maurício Coelho da Silva

Aprovado em _____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Valdir José Morigi
Orientador

Maurício Coelho da Silva
Coorientador

Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Moura
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinadora

Stheve Balbinotti Pereira
Mestrando em Ciência da Informação
Examinador

À Memória de Mietze que em sua breve vida tornou esse mundo caótico mais suportável.

AGRADECIMENTOS

Não há outra forma de começar os meus agradecimentos sem mencionar as pessoas que me carregaram até aqui: Paulo Nunes e Verlaine Frees. Apoiadores incondicionais dos meus estudos, saibam que este trabalho é de vocês e para vocês. Não há como se estender, cada palavra colocada não mensura minha gratidão. Amo vocês.

Agradeço aos meus gatos, Anastácia, Bartolomeu e Joaquim por me acompanharem madrugada adentro. Agradeço-lhes por nossas conversas que entre palavras humanas e miados inspiraram reflexões. Sou grato por seus poderes de identificar dores e me acalantar nos momentos de sofrimento.

Não poderia deixar de citar minha grande amiga Thaynara de Oliveira, saiba que suas observações sempre foram pertinentes e desejo que nunca perca essa qualidade admirável de olhar o mundo com doçura, é um prazer fazer parte da sua vida e ler você. À Brenda por sua bravura e força de vontade, por seus posicionamentos sempre corretos e sua dignidade ímpar. À minha escritora favorita, Aimée Ayres, pela sua paciência, amabilidade e empatia fora do comum, que mesmo sentido a crueldade do mundo, não desistiu dele.

À Silvana Gomes Cure e Magda de Conto, aquela por me apresentar o mundo da Biblioteconomia, esta por não me fazer desistir deles. Vocês duas são exemplos de bibliotecárias e sempre me guiarei para ter a mesma competência que vocês possuem. Aos meus amigos da faculdade: Ana, Juana, Leila, Luz, Maurício e Stheve. Cada um deles, à sua maneira, tornou a faculdade mais suportável.

Fica meu agradecimento ao meu orientador Valdir José Morigi que abraçou minha proposta de pesquisa, não posso deixar de fora Annie Casali que me guiou no início deste trabalho. Aos professores: Ana Maria Dalla Zen, Ana Maria de Moura, Jackson da Silva Medeiros, Ketlen Stueber e Marlise Maria Giovanaz. Ao NuTAL, representado, aqui, por Vanessa Teixeira Aquino e Barbára Neubarth.

Por fim, a mim mesmo!

“Só poderia ter sido pintado por um louco”

Edvard Munch

RESUMO

O presente trabalho tem como tema principal a saúde mental na Ciência da Informação. O objetivo é averiguar as publicações sobre saúde mental nas bases de dados brasileiras no período de 2011 a 2020. As bases de dados escolhidas foram BRAPCI, SABI e PERI. A intenção apresentada aqui é de examinar a produção de artigos científicos que se encontram nessas bases e identificar os assuntos com maior incidência nas publicações. Além de analisar os assuntos encontrados, a justificativa para a presente dissertação é o aumento dos transtornos psicossociais. Este aponta as principais contribuições da Ciência da Informação para a saúde mental, tais como: memórias sobre o paciente, a Reforma Psiquiátrica Brasileira e as torturas anteriores. Relata o poder da biblioteca e a catalogação da loucura. Discorre-se também a respeito da potencialidade da informação no tocante aos documentos elaborados por médicos sobre pacientes com tais transtornos. Enfatiza-se também sobre o fenômeno da Ansiedade Informacional e seus efeitos nos indivíduos e na sociedade. Declara a importância da biblioterapia para pacientes com transtornos mentais. Utiliza-se, como metodologia, a pesquisa básica, qualitativa, exploratória e bibliográfica. Emprega-se o método de Bardin de pré-análise, a exploração do material e o tratamento do resultado, a inferência e interpretação. Nas bases de dados foram aplicados os termos "Saúde Mental", "Mental Health", "Psiquiátrico", "Psych", "Ansiedade" e "Biblioterapia". Recuperou-se 325 trabalhos, e após a realização da pré-análise, verificou-se significativo para a pesquisa somente 54. Ao empregar a exploração do material, 22 deles foram descartados, restando apenas 32 e após a análise os mesmos foram categorizados. Nos resultados, percebe-se que a BRAPCI recuperou mais trabalhos significativos e os termos que mais se recuperaram foram "Saúde Mental", "Ansiedade" e "Biblioterapia". Verifica-se também uma incidência maior de publicações no ano de 2017. Por fim, conclui-se que há poucas pesquisas nas bases de dados brasileiras quando tratamos da saúde mental de pessoas com transtornos psicossociais.

Palavras-chave: Saúde Mental e Ciência da Informação. Biblioterapia. Ansiedade Informacional.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour thème la santé mentale en science de l'information. L'objectif de ce travail est d'étudier les publications sur la santé mentale dans les bases de données brésiliennes pour la période 2011-2020. Les bases de données choisies étaient BRAPCI, Sabi et PERI. Les objectifs spécifiques sont d'examiner la production d'articles scientifiques dans les bases de données brésiliennes de la science de l'information, identifier les sujets ayant le plus d'incidence sur les publications, analyser les sujets trouvés dans les bases de données brésiliennes de la science de l'information. La justification de ce travail est l'augmentation des troubles psychosociaux. Le travail vise les contributions de la science de l'information à la santé mentale, tels que : mémoires sur le patient, la réforme psychique brésilienne et les tortures antérieures. Rapporte le pouvoir de la bibliothèque et du catalogage de la folie. Il n'est pas d'accord sur le potentiel d'information des médecins sur les patients souffrant de troubles psychosociaux. Informations sur le phénomène de l'anxiété informationnelle et ses effets sur les individus et la société. Il affirme l'importance de la bibliothérapie pour les patients atteints de troubles mentaux. Il utilise la recherche fondamentale, qualitative, exploratoire et bibliographique comme méthodologie. Utilise la méthode de Bardin de préanalyse, l'exploitation du matériel et le traitement du résultat, l'inférence et l'interprétation. Dans les bases de données ont été appliqués les termes "Santé mentale", "Mental Health", "Psychiatrie", "Psych", "Anxiété" et "Bibliothérapie". 325 travaux ont été récupérés, et après la réalisation de la pré-analyse, 54 travaux ont été significatifs pour la recherche. En employant l'exploitation du matériel, 22 travaux ont été exclus, 32 travaux restant, les travaux suivants ont été catégorisés. Dans les résultats, on voit que BRAPCI récupérait plus de travaux significatifs et les termes qui récupéraient le plus de travaux étaient "Santé mentale", "Anxiété" et "Bibliothérapie. On constate également une incidence accrue des publications en 2017. Enfin, il s'avère qu'il y a peu de recherches dans les bases de données brésiliennes lorsque nous traitons de la santé mentale des personnes atteintes de troubles psychosociaux.

Mots-clés: Santé mentale et Science de l'information. Bibliothérapie. L'anxiété informationnelle.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista dos trabalhos significativos para a pesquisa.....	21
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrência de publicações por ano	27
Gráfico 2 – Publicações recuperadas pelos termos	27
Gráfico 3 – Trabalhos selecionados por bases de dados.....	28
Gráfico 4 – Termos mais recuperados na BRAPCI	28
Gráfico 5 – Termos mais recuperados no SABi	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRAPCI - Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos da Ciência da Informação

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

IMASNS - Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira

SABi - Sistema de Automatização de Biblioteca

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA	16
2.1 CONTEXTO E <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	18
2.2 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL E CATEGORIZAÇÃO	20
3 RESULTADOS	30
3.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E PERSPECTIVAS PARA A TEMÁTICA DA SAÚDE MENTAL	30
3.2 POTENCIALIDADE DA INFORMAÇÃO.....	35
3.3 ANSIEDADE INFORMACIONAL.....	39
3.4 BIBLIOTERAPIA	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

A loucura sempre esteve presente, desde o evento caótico (Big-Bang) que criou o universo. A insânia não discrimina ninguém, ela se manifesta em todas as classes sociais, de gênero e raça. Pode-se afirmar que a existência e a loucura coexistem.

Durante séculos a humanidade tratou de quem sofria com doenças mentais como um ser possuído por alguma divindade. Sendo assim, ao percorrermos a história da loucura que se entrelaça com o prólogo humanidade: é corriqueiro de se avistar que os enfermos com afecção mental eram excluídos do meio social e sofriam torturas.

No Brasil, a maneira de perceber os alienados envolviam não somente o preconceito com estes, mas, também, o machismo e o racismo. A psiquiatra Nise da Silveira, observando os métodos de tratamento utilizados no século XX, resolveu humanizar e cessar com a tortura realizada através de eletrochoque e lobotomia. Assim, com seus clientes, ela criou o Museu da Imagem do Inconsciente, lugar onde podemos contemplar a produção de pinturas, desenhos, escritas, entre outras formas artísticas de se manifestar.

No Rio Grande do Sul, especificamente em Porto Alegre, no Hospital Psiquiátrico São Pedro há, desde 1990, uma oficina com os moldes do tratamento da psiquiatra. Em sua homenagem à oficina, recebeu o seu nome: Oficina de Criatividade Nise da Silveira, onde também há uma variedade de produções artísticas.

Os trinta anos da Oficina já levaram muitos artistas às exposições. Essas que eram normalmente contempladas por um público elitizado, embora muitos artistas renomados sofressem de doenças mentais. Vincent Van Gogh e Edvard Munch são exemplos conhecidos de pintores que foram acometidos de transtornos mentais. Além de levar artistas marginalizados para esses espaços, a Oficina também produziu um documentário “Epidemia de Cores” e um livro com poemas dos frequentadores, intitulada “Exercícios de uma literatura menor: um olhar atelial”.

Quando realizávamos trabalho voluntário na Oficina em 2019, durante seis meses, observou-se que nela havia uma biblioteca. Na verdade, não sei se podemos denominar o espaço como uma biblioteca, pois lá continha apenas alguns livros em

condições de conservação não muito boas. Durante as visitas ao local, vimos poucas vezes os frequentadores retirarem os livros da estante. Os motivos para a baixa procura dos livros entre usuários da oficina é uma incógnita, aqui se levanta a possibilidade da realização de um estudo para identificar o porquê desta pouca adesão aos livros na oficina.

Uma das idealizadoras da Oficina, Bárbara Neubarth, sugeriu, além da organização dos livros e conseguirmos algumas doações, elaborarmos um projeto que visava o incentivo à leitura, digamos que uma espécie de grupo de leitura, no qual os leitores poderiam demonstrar suas sensações com a leitura, ou seja, criando-se assim um movimento biblioterapêutico.

A partir disso, surgiu também a ideia de desenvolver um grupo de escrita criativa a fim de termos um espaço de produção textual terapêutica. Infelizmente, não foi possível concretizar tais desejos, por diversos motivos. Contudo, resolvemos realizar esta pesquisa para que futuramente consigamos, com embasamento teórico e as habilidades necessárias, concretizar a implementação de uma biblioteca incorporada na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Nesse contexto, esta pesquisa busca problematizar: como se encontram as publicações sobre saúde mental nas bases de dados brasileiras BRAPCI, SABI e PERI?

O objetivo geral procura averiguar o estado da arte nos estudos acerca da saúde mental na Ciência da Informação entre 2011 a 2020 e os objetivos específicos são: a) Examinar a produção de artigos científicos nas bases de dados brasileiras da Ciência da Informação acerca da saúde mental; b) Identificar os assuntos com maior incidência nas publicações; c) Analisar os conteúdos encontrados sobre a saúde mental nas bases de dados nacionais da Ciência da Informação.

O estudo aqui apresentado se justifica, pois, os dados sobre a saúde mental são preocupantes. Tedros Adhanom Ghebreyesus indica que a cada 40 segundos uma pessoa comete suicídio (FIOCRUZ, 2019) sendo que 79% dos casos ocorrem em países com baixa renda (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2019). Outro fator considerável é a ansiedade, principalmente, a informacional. Pereira (2019) comunica que as:

Informações e dados desenfreados que nos chegam a todo momento podem se tornar um perigo iminente e podem transformar o contexto em que vivemos em um ambiente desfavorável para levarmos uma vida saudável. [...] A sociedade do desempenho, o descontrole na disseminação e a desorganização da informação são fatores que colaboram para o crescimento de pessoas com transtornos de ansiedade no Brasil. (PEREIRA, 2019, p. 30).

Segundo a *World Health Organization* (2017), no Brasil, 9,3% da população sofre de ansiedade. Desta forma, podemos traçar um paralelo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a saúde mental, pois observamos o acréscimo de informação, pouco filtrada que tem se inserido no ambiente social e subjetivo, causando assim disfunções na saúde mental dos indivíduos e da sociedade.

Desta forma, esta pesquisa pretende identificar os estudos sobre a saúde mental na área da Ciência da Informação e apontar as perspectivas de tais pesquisas.

2 METODOLOGIA

Com a finalidade de ter confiabilidade na pesquisa se faz necessário uma estruturação metodológica. A metodologia é definida por González de Gómez como “[...] orientação de um movimento de pensamento cujo esforço e intenção direcionam-se à produção de um novo conhecimento [...]” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000, p. 1).

Desta forma, essa seção relata o percurso metodológico para conseguir alcançar os objetivos. Apresentaremos os caminhos como a natureza da pesquisa, sua abordagem, procedimentos, delimitação do período, entre outros. É importante ressaltar que os métodos aqui realizados para a análise de conteúdo se guiaram pela dissertação de Amarante (2021).

Esta pesquisa teve como alicerce a pesquisa básica, que em conformidade com Moresi (2003) “[...] objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais” (MORESI, 2003, p. 8).

Quanto à abordagem ela foi qualitativa, que de acordo com Pereira *et al.* (2018): “Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo.” (PEREIRA *et al.*, 2018, p. 67). Vieira (2010) apresenta a pesquisa qualitativa da seguinte forma:

A pesquisa qualitativa é marcadamente indutiva (fugindo portanto, da prática tradicional de se testar hipóteses). O pesquisador que se lançar à prática da pesquisa qualitativa deve, antes, limpar a mente de hipóteses preconcebidas, a fim de evitar que perca a capacidade de observação. (VIEIRA, 2010, p. 88).

Concordando com Pereira *et al* (2018), Vieira (2010) acrescenta:

De fato, a natureza da pesquisa qualitativa exige um olhar aprofundado do contexto e do local em que é executada e, também, uma interação entre o pesquisador e o objeto. O olhar frio e distanciado de um observador não seria capaz de apreender muitas das informações, que podem estar disponíveis. O pesquisador estará em um processo de imersão na sua pesquisa, portanto. (VIEIRA, 2010, p. 88).

Assim como Bardin (2016) que dita que uma pesquisa qualitativa não exclui os dados quantitativos, pois, o que importa é a inferência dos signos e não somente das quantidades, Hernández Sampieri, Collado e Lucio (2013) detém o mesmo

pensamento sobre a abordagem qualitativa, que mesmo utilizando-se de estatística, sempre se dará uma atenção maior ao significativo do conteúdo.

Em relação aos objetivos, a pesquisa teve caráter exploratório, criando-se, assim, uma familiaridade com o assunto (GIL, 2002). Pesquisa de caráter exploratório dado que visa verificar o estado da arte das publicações brasileiras na Ciência da Informação acerca dos estudos referentes à saúde mental, envolve levantamento bibliográfico, costumeiro nas pesquisas exploratórias. Também se escolheu o caráter exploratório da pesquisa, pois, em consonância com Gil (2002) “seu objetivo principal é o aprimoramento de ideias.” (GIL, 2002, p.41).

Em relação ao procedimento utilizamos a pesquisa bibliográfica. Macedo (1994), traz duas conceituações sobre a pesquisa bibliográfica: conceito restrito e conceito amplo. Em conformidade com Macedo (1994) o conceito restrito é: “[...] a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com problema de pesquisa [...] e o respectivo fechamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas.” (MACEDO, 1994, p. 13). A autora cita que a pesquisa bibliográfica “é entendida como planejamento global, o qual envolve uma série de procedimentos metodológicos, configurados em etapas de trabalho [...]” (MACEDO, 1994, p. 13).

Para configurar essas etapas de trabalho utilizou-se na análise dos dados a análise de conteúdo. Sobre a análise de conteúdo Colbari (2014) traz a seguinte definição:

As definições de análise de conteúdo por si só constituem um indicador do ecletismo e da maleabilidade que marcam essa técnica de tratamentos de dados não numéricos, cujo campo de aplicação é vasto e diferenciado. Talvez seja mais apropriado tomá-la como conjunto de técnicas de análise das comunicações, ao gosto de diferentes opções teóricas, mais afinada com a natureza do problema de pesquisa e com a criatividade do investigador. (COLBARI, 2014, p. 254).

Moraes (1999) aponta a empregabilidade da análise de conteúdo, e afirma que é “[...] usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda uma classe de documentos e textos.” (Moraes, 1999, p. 8). O mesmo autor ainda destaca que:

A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos auto-biográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então, ser processados para,

dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência que aspira a análise de conteúdo. (MORAES, 1999, p. 8).

Bardin (1997) elucida que “[...] a análise de conteúdo visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores [...]” (BARDIN, 1997, p. 44). Sobre os propósitos da análise de conteúdo, Bardin (1997) inclui “[...] a *inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que ocorre a indicadores (quantitativos ou não).*” (BARDIN, 1997, p. 38, grifo da autora).

Ainda com Bardin (2016), a análise de conteúdo organizar-se-á em três estágios cronológicos: a) pré-análise; b) a exploração do material; c) o tratamento do resultado, a inferência e a interpretação. (BARDIN, 2016, p.125).

A pré-análise, de acordo com Bardin (2016), é o início da coleta dos dados, a organização, “corresponde a um período de intuições, mas tem como objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais.” (BARDIN, 2016, p. 125). Nesta fase ocorre a leitura flutuante e as escolhas dos documentos.

A exploração do material é “[...] longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração.” (BARDIN, 2016, p. 31).

O estágio de tratamento de resultado coloca o pesquisador a “propor inferências e a adiantar interpretações a propósitos dos objetivos previstos.” (BARDIN, 2016, p. 31). Segue o percurso e os procedimentos utilizados no estudo.

2.1 CONTEXTO E *CORPUS* DA PESQUISA

Para a coleta do *corpus* foi realizada a delimitação das bases de dados, do período e os termos de busca utilizados.

Considerando tratar-se de uma pesquisa que averiguará o estado da arte dos estudos acerca da saúde mental na Ciência da Informação, optou-se em realizar a pesquisa bibliográfica em bases de dados brasileiras da Ciência da Informação, sendo elas: a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos da Ciência da Informação (BRAPCI), Sistema de Automatização de Biblioteca (SABi) e a Base PERI da Universidade Federal de Minas Gerais e, embora não seja uma base de

dados da Ciência da Informação, optou-se também pela utilização do Sistema de Automatização de Biblioteca (SABi) uma vez que dentro desse sistema se recupera trabalhos da Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A BRAPCI “[...] é o produto de informação do projeto de pesquisa “Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior”, cujo objetivo é subsidiar estudos e propostas na área de Ciência da Informação [...]” (BUFREM *et al.*, 2010), sendo sua cobertura em publicações de periódicos que abrangem a Ciência da Informação desde 1972 (BUFREM *et al.*, 2010).

O SABi é o “sistema para gestão das rotinas e serviços bibliotecários da Universidade.” (RIO GRANDE DO SUL, 2021) atendendo toda a comunidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como o SABi atende todos os cursos da UFRGS, foi preciso fazer um refinamento na pesquisa para que a busca se limitasse apenas ao que confere esta pesquisa, tal método de refinamento será explicado mais adiante.

A Base PERI da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi criada em 1987, contém 68 títulos de periódicos e 21 anais de eventos técnicos, sua atualização é diária. (MINAS GERAIS, 2021). A PERI contém “[...] principalmente a literatura nacional nas áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arquivologia, Museologia e outras interdisciplinares.” (MINAS GERAIS, 2021).

Para a elaboração do *corpus* da pesquisa foram escolhidos os termos: “Saúde Mental”, “Mental Health”, “Psiquiátrico”, “Psych”, “Ansiedade” e “Biblioterapia”. Ressalta-se que as escolhas destes termos se deram após uma análise superficial de literatura referente à temática de saúde mental, onde foi constatado que os termos selecionados são os preferidos por serem os mais recorrentes na literatura. Os resultados das pesquisas se limitavam ao período de 2011 a 2020. O termo “Mental Health” foi utilizado em todas as bases de dados, porém, não se obteve resultados ou os resultados obtidos recuperavam publicações repetidas.

A seleção das publicações, em seu primeiro momento, se realizou através dos termos escolhidos, supracitados, no título, no resumo e/ou nas palavras-chave. Na BRAPCI, os termos escolhidos foram acompanhados com asterisco para se buscar mais variações, diante disso recuperaram um total de 265 trabalhos, entre o período de 2011 a 2020.

No SABi, foi necessário refinar a pesquisa com o booleano *AND* biblioteca *FBC*, devido que o SABi atende todas as áreas da UFRGS e o enfoque desta pesquisa é a Ciência da Informação. Delimitando e refinando a pesquisa recuperou-se 29 publicações que compreendem o universo proposto.

No PERI foram recuperados 31 trabalhos, entre os anos de 2011 a 2020, com os delimitadores propostos.

Dentre os 325 trabalhos recuperados, na fase de leitura flutuante, isto é, a pré-análise, foram significativos para essa pesquisa, já excluindo as publicações repetidas, 54 trabalhos. A partir disso, iniciou-se o estágio de exploração do material e também a categorização dos trabalhos. Tais procedimentos serão descritos a seguir.

2.2 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL E CATEGORIZAÇÃO

Como explicado anteriormente, a exploração do material é a fase que exige uma análise mais profunda das obras selecionadas durante o levantamento nas bases de dados. Aqui lemos na íntegra os 54 trabalhos pré-selecionados individualmente com a finalidade de realizar, além da exclusão de trabalhos que não correspondem ao universo da pesquisa, uma codificação e categorização.

Após realizada a leitura dos trabalhos, verificou-se que 22 trabalhos não correspondiam ao tema e/ou universo da pesquisa. Um exemplo de um trabalho excluído é o artigo “O uso do audiovisual na construção compartilhada de conhecimento do conhecimento em saúde: uma experiência na emergência psiquiátrica” dos autores, Portugal *et al.* (2011), que apesar de conter saúde mental tanto no resumo quanto nas palavras-chave, não se adequou ao universo da pesquisa que é o da Ciência da Informação, tal artigo era pertencente a área da Comunicação. Esse se mostrou como um exemplo pertinente para elucidar que algumas obras, embora fossem recuperadas pelos termos de pesquisa estabelecidos, exigiam uma análise mais cuidadosa para ser possível constatar se de fato tratava-se de um trabalho que contribuiria para a temática da saúde mental na Ciência da Informação.

Restando 32 trabalhos, foi realizado mais uma vez uma leitura, tanto flutuante - isto é: leitura de resumo e palavras-chave- quanto a leitura extensiva. A partir disso, começou-se a notar termos que se repetiam e começamos a agrupar para a categorização.

A categorização dos trabalhos foram realizados a partir do método de Bardin (2016), para a autora “a categorização é uma classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos.” (BARDIN, 2016, p.147).

A partir dos 32 trabalhos publicados foi possível identificar as perspectivas adotadas na Ciência da Informação sobre a saúde mental. Elas foram categorizadas em três principais de formas de abordagens sobre o tema, são elas: a) Potencialidade da Informação; b) Ansiedade Informacional e c) Biblioterapia. O quadro a seguir visa listar todos os 32 trabalhos significativos para esta pesquisa.

Quadro 1- Lista dos trabalhos significativos para esta pesquisa

Base de Dado	Título	Autor	Ano	Termo utilizado
SABi	Ansiedade Informacional: o caso dos estudantes de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Natália Gastaud de Oliveira	2011	“Ansiedade”
BRAPCI	A teoria merleau-pontyana da linguagem e biblioterapia	Clarice Fortkamp Caldin	2011	“Biblioterapia”
SABi	Leitura & Terapia: Biblioterapia para enfermos do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS	Ramon Ely	2011	“Biblioterapia”
SABi	A melhoria da qualidade de vida de doente crônicos através da leitura espírita	Verônica Flores Luz	2012	“Biblioterapia”
SABi	Biblioterapia: um estudo de caso de leitura realizada com pessoas com necessidade psicossociais	Rosane Lopes	2012	“Saúde Mental”

BRAPCI	Biblioterapia: o bibliotecário como agente integrador e socializador da informação	Edson Marques Almeida; Micarla do Nascimento Gomes; Diego Maradona de Souza da Silva; Mona Lisa da Silva	2013	"Biblioterapia"
BRAPCI	O fluxo e a demanda de informação: a busca pelo ponto de equilíbrio na sociedade da informação	Gisele Mara Durigan; Nadina Aparecida Moreno	2013	"Ansiedade"
SABi	Uma conversa entre telas: O imaginário de Vincent Van Gogh no cinema de Akira Kurosawa	Rosângela Broch Veiga	2013	"Psych"
BRAPCI	A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor	Karla Haydê Santos Fonseca	2014	"Biblioterapia"
SABi	Tecendo Memórias: Narrativas de lembranças suportadas em costuras e bordados	Tania Regina Capra	2014	"Psiquiátrico"
BRAPCI	Ansiedade de Informação e Normose: as síndromes da sociedade da informação	Emerson Nathan Pereira Alves; Sarah Freire Bezerra; Débora Adriano Sampaio	2015	"Ansiedade"
BRAPCI	Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelos profissionais	Maria Cristina Palhares	2015	"Biblioterapia"

Valencia;
Michelle
Cristina
Magalhães

BRAPCI	Bibliotecas em ambientes de saúde mental: um diálogo interdisciplinar	Ricardo de Lima Chagas; Daniela Câmara Pizarro	2016	"Saúde Mental"
BRAPCI	Entre silêncios e sussurros: a questão do acesso à informação sobre o "louco", uma análise dos prontuários do Hospital Psiquiátrico de Jurujuba	Asy Pereira Sanches Neto; Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima	2016	"Psiquiátrico"
BRAPCI	Bibliotecas em ambientes de saúde mental: um estudo sobre a necessidade de implantação de uma rede de bibliotecas nos Centros de Atenção Psicossocial de Florianópolis	Ricardo de Lima Chagas; Daniela Câmara Pizarro	2017	"Saúde Mental"
BRAPCI	Da loucura e da arte nos limites de uma epistemologia da organização da informação	Gustavo Silva Saldanha; Michelle Louise Guimarães da Silva	2017	"Saúde Mental"
PERI	Memórias Dífceis: Hospital de Colônia de Barbacena, reforma psiquiátrica brasileira e os usos políticos de um passado doloroso	Viviane Borges	2017	"Psiquiátrico"

BRAPCI	O documento médico na construção do abjeto	Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima; Asy Pepe Sances Neto	2017	"Psiquiátrico"
SABi	Os efeitos da ansiedade da informação no comportamento informacional de alunos de graduação em modalidade acadêmica no exterior	Marta de Oliveira	2017	"Ansiedade"
BRAPCI	Páginas Ansiosas: uma viagem pelo oceano da ansiedade até desembarcar na ilha da biblioterapia	Stheve Balbinotti	2017	"Ansiedade"
BRAPCI	Um diálogo entre a vida real e a literatura infanto-juvenil: uma experiência de leitura na perspectiva de produção de sentido	Lucas Veras de Andrade; Ana Caroline Viana Melo	2017	"Biblioterapia"
BRAPCI	Ansiedade de Informação revisitada: proposta de um questionário de medida	Henry Poncio Cruz de Oliveira; Josevânia da Silva	2018	"Ansiedade"
BRAPCI	Competência em informação e ansiedade de informação: estudo bibliográfico	Marcela Reinhardt Souza; Elizete Vieira Vitorino	2018	"Ansiedade"

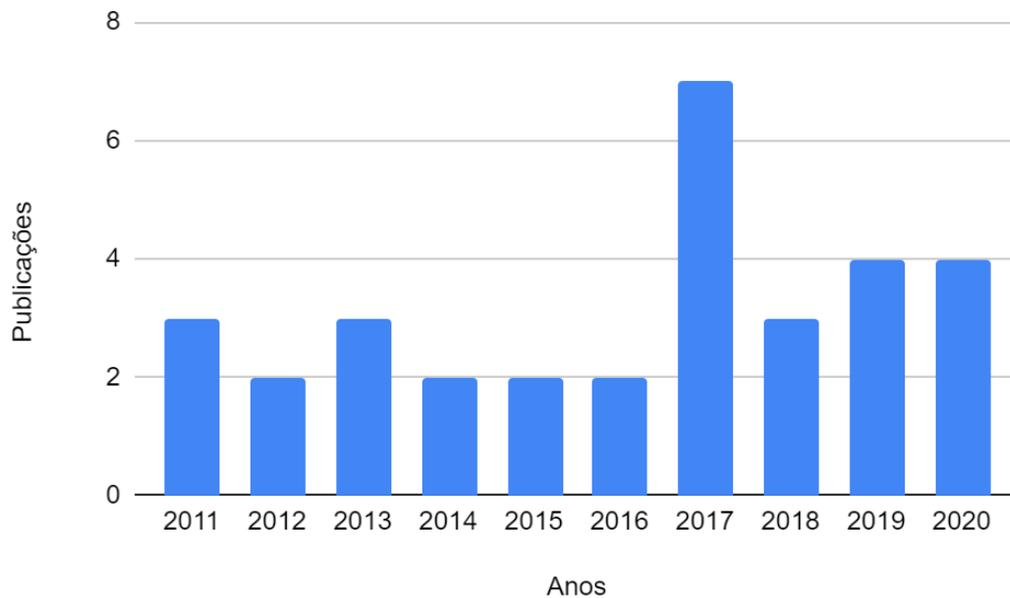
BRAPCI	Memória da loucura e as reflexões da memória psiquiátrica brasileira: o papel dos arquivos para a construção de políticas públicas na saúde mental	Daniela Corrêa Ribeiro; Nayara Emeryck Lamb; Wilma Fernandes Mascarenhas	2018	“Saúde Mental”
SABi	Ansiedade Informacional: o caso dos estudantes do Emancipada unidade Centro Histórico de Porto Alegre/RS	Stheve Pereira	2019	“Ansiedade”
SABi	Ansiedade informacional e competência informacional no contexto dos acadêmicos do curso de graduação de Biblioteconomia da UFRGS	Daniela Graciela Schott	2019	“Ansiedade”
BRAPCI	Atividade de biblioterapia com usuários dos Centros de Atenção Psicossocial da Biblioteca Central da UFSC	Ricardo de Lima Chagas; Daniela Câmara Pizarro	2019	“Saúde Mental”
BRAPCI	Informação como evidência e saúde mental: hashtag “cut4zayan” e automutilação juvenil	Gabriel Meneguelli Soella; Pedro Ernesto Fagundes	2019	“Saúde Mental”

BRAPCI	A informação na desconstrução de estereótipos de quadros depressivos	Débora Adriano Sampaio; Esdras Renan Farias Dantas; Vitória Régia Araújo de Alencar	2020	“Saúde Mental”
BRAPCI	Humanização e direito à educação através da biblioterapia	Lisandra Maria Kovaliczn Nada; Ivan Takashi Kano; Jeniffer Cristina Rodrigues de Mello	2020	“Biblioterapia”
SABi	Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre/RS: espaço de memória e representatividade social	Thais Bender Cardoso	2020	“Saúde Mental”
BRAPCI	Reflexões sobre a importância do arquivista em instituições de saúde	Natália Marinho do Nascimento	2020	“Psych”

Fonte: elaborado pelo autor

Aqui, com a função de mostrar a representatividade cada uma das publicações foi identificada pela base de dados pesquisada, título, autoria, ano da publicação, termos usados na busca.

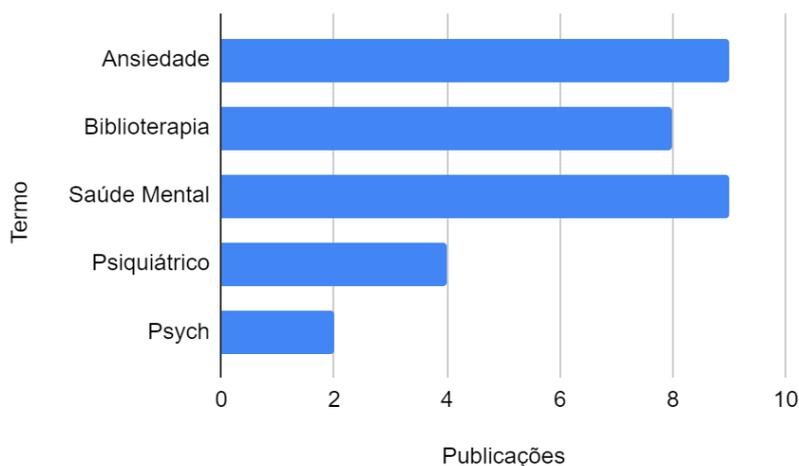
Gráfico 1 - Ocorrência de publicações por ano



Fonte: elaborado pelo autor

No gráfico 1, podemos observar uma maior incidência de publicações acerca da saúde mental no ano de 2017, onde se obteve um resultado de sete publicações, o equivalente a 21,87% dos trabalhos recuperados. Logo em 2018 houve uma queda representativa no número de publicações sobre o tema. Houve um decréscimo em mais de 50%. Essa queda se acentuou nos anos que seguintes.

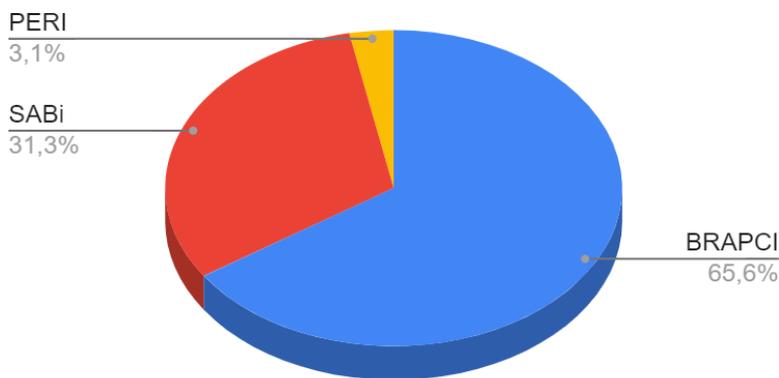
Gráfico 2 – Publicações recuperadas pelos termos



Fonte: elaborado pelo autor

Observa-se, no gráfico 2, que dos 32 trabalhos selecionados, os termos de busca nas bases de dados “Ansiedade” e “Saúde Mental” recuperaram nove trabalhos cada um. Os dois juntos representam para esta pesquisa 56,25% dos trabalhos selecionados. O termo “Biblioterapia” vem logo em seguida com oito trabalhos, ou seja, 25% das produções. Já os termos “Psiquiatria” e “Psych”, expressam juntos, apenas 18,75% dos trabalhos selecionados.

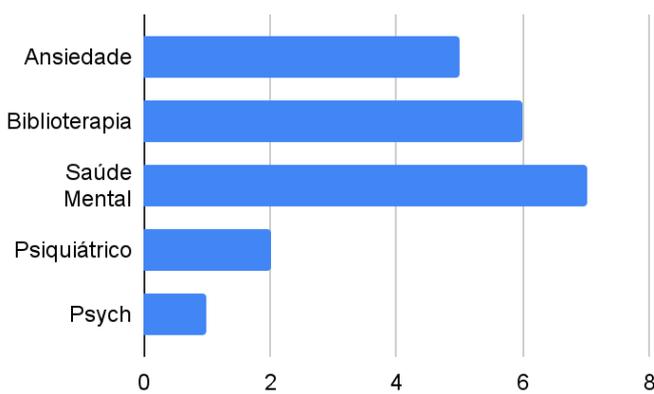
Gráfico 3 - Trabalhos selecionados por Base de Dados



Fonte: elaborado pelo autor

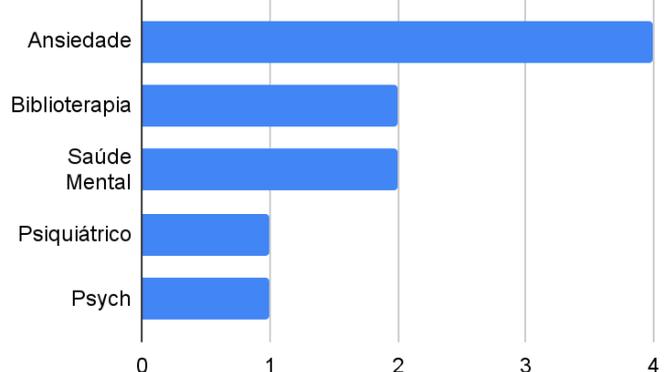
No gráfico acima, observa-se que há uma maior frequência de trabalhos selecionados quando nos referimos a BRAPCI, os 65,6% representam 21 trabalhos selecionados nesta base de dados. Observa-se que o PERI, teve apenas 3,1% dos trabalhos selecionados para esta pesquisa, o que significa apenas um trabalho selecionado, restando, assim, 10 trabalhos para o SABI.

Gráfico 4 - Termos mais recuperados na BRAPCI



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 5 - Termos mais recuperados no SABI



Fonte: elaborado pelo autor

Os gráficos 4 e 5, apresentam uma comparação das buscas realizadas nas bases de dados da BRAPCI e do SABI. No que se refere aos termos utilizados a BRAPCI apresenta a quantidade de sete trabalhos dos nove em “Saúde Mental” em comparação com o SABI que possui dois trabalhos selecionados. Comparando a BRAPCI e SABI o termo de busca “Ansiedade” recupera, significativamente, para este trabalho, cinco publicações na BRAPCI e quatro no SABI. O termo de busca “Ansiedade” é o mais recuperado no SABI. Observa-se que o termo de busca “Psych” recuperou dois trabalhos, encontrados nas bases de dados que estamos debatendo. O único trabalho que o PERI recuperou foi através do termo de busca “Psiquiátrico”, onde se observa que a BRAPCI recuperou dois trabalhos e o SABI, apenas, um.

A partir dos dados aqui expostos, verifica-se que entre o período de 2011 a 2020, recorte da pesquisa, a temática saúde mental, no que se refere, principalmente, a patologia mental das pessoas com necessidades psicossociais possuem poucas produções científicas dos pesquisadores da área da Ciência da Informação. O ano de 2017 foi o mais proeminente nesta pesquisa, equiparado com os demais anos que essa pesquisa investigou. Os pesquisadores da Ciência da Informação que trabalham com o tema da saúde mental, no que tange às pessoas com necessidade psicossocial, adotam as perspectivas relacionadas aos temas de ansiedade informacional e biblioterapia.

3 RESULTADOS

A seguir serão abordados os resultados das principais perspectivas sobre a temática da saúde mental na Ciência da Informação.

3.1 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E PERSPECTIVAS PARA A TEMÁTICA DA SAÚDE MENTAL

A Ciência da Informação representada pelas áreas da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia apresentam contribuições significativas para a saúde mental, principalmente, no que tange a história da saúde mental brasileira. Seguem alguns trabalhos que trouxeram essas contribuições.

No trabalho de Ribeiro, Lamb e Mascarenhas (2018) observamos como os arquivos relatam a história da saúde mental no Brasil, nesse caso específico os autores trabalharam em cima dos arquivos do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (IMASNS). Ribeiro, Lamb e Mascarenhas (2018), lamentam que casos como o IMASNS sejam uma exceção à regra no Brasil. As autoras salientam que:

[...] o IMASNS desempenhou um papel fundamental na história da loucura, da psiquiatria e das suas instituições, tendo acumulado um patrimônio que inclui registros museológicos, arquivísticos, bibliotecários e arquitetônicos de valor indiscutível. (RIBEIRO; LAMB; MASCARENHAS, 2018, p. 55).

Ribeiro, Lamb e Mascarenhas (2018) destacam o potencial histórico do arquivo do IMASNS como “[...] importante espaço de construção de memória sobre as experiências da psiquiatria no Brasil [...]” (RIBEIRO; LAMB; MASCARENHAS, 2018, p. 52); também observam que tais documentos expõem o sofrimento daqueles que “[...] escapam aos critérios do que é estabelecido como “normalidade”.” (RIBEIRO; LAMB; MASCARENHAS, 2018, p. 52). Esse poder que as instituições detinham, e ainda detém, é bastante fundamentado nas premissas e preconceitos da sociedade, esse controle também se mostrou presente nas discussões de Ribeiro, Lamb e Mascarenhas (2018):

[...] no que diz respeito à possibilidade de compreender um dos processos mais traumáticos da história deste país. Especialmente no que tange às classes mais baixas ou mais desamparadas (pobres, negros, mulheres e crianças, marcados pelo estigma da loucura), que foram ali atingidas por um

tipo de exclusão social institucionalizada e a serviço do Estado. (RIBEIRO; LAMB; MASCARENHAS, 2018, p. 58).

Contudo, não são apenas os arquivos das instituições que podem nos fornecer informações notáveis sobre a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Outro ramo da Ciência da Informação com papel histórico fundamental é a Museologia.

Borges (2017) relata que os museus sofreram críticas severas, pois eram vistos como lugares elitizados. A partir dessas críticas começou-se uma movimentação para renovação da ideia dos museus e seu papel cultural referente às minorias e aos marginalizados. (BORGES, 2017, p. 112)

No que se refere a esta pesquisa, Borges (2017) notou “nos últimos anos a proliferação de instituições de memória dentro de hospitais psiquiátricos.” (BORGES, 2017, p.111). Sua pesquisa foi realizada no Hospital Colônia de Barbacena, ela nos alerta que:

Instituir um lugar de memória dentro do velho Hospital, parece cumprir uma dupla função, ou seja, a criação de um espaço cultural de potencial econômico voltado ao turismo, e ao mesmo tempo, a preservação de uma memória em vias de esquecimento. (BORGES, 2017, p. 116).

A autora deu enfoque ao acervo e de que maneira ele contava a história da Reforma Psiquiátrica Brasileira e de como objetos, antes opressores, eram ressignificados, não como valorização de um passado, mas sim como denúncia do mesmo e um alerta para o futuro. Corroborando, Cardoso (2020) analisa a função dos objetos que “quando perdem a função de uso no cotidiano, os objetos carregam consigo, histórias e memórias que podem vir a se tornar narrativas sobre um passado presente.” (CARDOSO, 2020, p. 30).

No seu foco ao acervo do Museu da Loucura, Borges (2017) declara que:

O acervo da instituição é composto por documentos textuais, fotografias e objetos museológicos. Os primeiros são livros, fichas, e outros registros ligados às internações dos pacientes, abrigados em uma sala que funciona como reserva técnica e arquivo, na qual o acesso é restrito. (BORGES, 2017, p. 119).

Ela relata que dentre esses objetos museológicos, existem três aparelhos de eletrochoques, expostos no Museu da Loucura. Tais objetos, por mais perturbadores que sejam, necessitam ser expostos. A própria autora afirma que:

O eletrochoque não é apenas vestígio de um passado odioso, mas torna-se fonte para reflexão sobre o seu uso como punição, sobre a conversão de um espaço de tratamento em lugar de tortura, sofrendo uma metamorfose quando inserido em um espaço expositivo. Dentro do Museu ele é resignificado, torna-se objeto-denúncia, desnuda uma realidade perturbadora, e permite que o visitante reflita sobre ela. (BORGES, 2017, p. 121).

Se faz necessário observar que os objetos em um museu “[...] encontram-se à espera de novas leituras.” (CARDOSO, 2020, p. 30). Essa afirmação de Cardoso (2020), é válida pela ressignificação dada ao eletrochoque:

Tais peças não servem mais para agredir, prender, punir, uniformizar ou legitimar diagnósticos, eles perderam suas funções originais, passaram a ser valorados como parte de uma realidade perturbadora que não serve mais ao presente. (BORGES, 2017, p. 121).

Esses objetos museológicos, por mais perturbadores e dolorosos, precisam ser expostos, para que não se cometa mais os erros passados. Cardoso (2020), indica que “[...] o desafio dos museus é captar e ativar as memórias [...]” (CARDOSO, 2020, p. 29). Logo essa captação e ativação de memórias tem que ser impactantes para o público, a fim de que eles captem a brutalidade de tempos remotos. A Ciência da Informação não se limita apenas ao resgate de um passado doloroso. Ela avança conforme a psiquiatria e seus novos métodos de tratamento.

Os museus como ambientes vivos, fornecem espaços para esses novos métodos. Expressões artísticas incentivadas por Osório César e Nise da Silveira tomam lugares especiais em museus em hospitais psiquiátricos. Saldanha e Silva (2017) observam que:

[...] obras produzidas por indivíduos (que se consideram ou não artistas) em momentos de crises psíquicas são compreendidas como uma assistência, através da arte, ao enfrentamento perante o sofrimento psíquico ou sob um viés que defende que a loucura produz um conteúdo autêntico e original em comparação com uma forma artística engessada pelos ditames acadêmicos das instituições das Belas Artes. (SALDANHA; SILVA, 2017, p. 6).

Se é fato que na arte a loucura se autoclassifica, como afirma Saldanha e Silva (2017), como a organização do conhecimento precisa ser gerida nesses casos? Nise da Silveira, relata Saldanha e Silva (2017), “[...] tinha o intuito de utilizar um sistema classificatório que aproximasse o conteúdo simbólico das produções do MII

com outras imagens que representassem temas próximos.” (SALDANHA; SILVA, 2017, p. 12).

Fica evidente o gerenciamento e organização deste conhecimento, pois aqui, é promovida “[...] a necessidade de criação de instrumentos de organização do conhecimento que vão além do saber artístico tradicional [...]” (SALDANHA; SILVA, 2017, p.12); pois é necessário conectar com outras áreas que atuam junto ao paciente. Diante disso, o gerenciamento dessa informação precisa de construções e definições:

O possível conteúdo informacional do sujeito (ou o construto semântico potencialmente comunicável), em um primeiro momento, ocupa espaço na construção das definições: identificar as diferenças nos comportamentos dos pacientes, as informações que se repetem e que se correlacionam e assim elaborar e padronizar termos adequados àquela doença. (SALDANHA; SILVA, 2017, p. 4).

Tal organização da insanidade, agora expressa e exposta, é relevante, não somente para o público visitante do museu, mas para o próprio paciente e seu psiquiatra. No caso do alienista, a organização da loucura, pode-se assim afirmar, pretende recuperar e obter um diagnóstico mais rápido para outros pacientes.

O classificador, para facilitar a recuperação do novo conhecimento, precisa notar “[...] uma série de processos classificatórios que podem ser associados à formação de símbolos sobre a loucura.” (SALDANHA; SILVA, 2017, p. 5). Aqui podemos observar a importância de profissionais da Ciência da Informação em espaços de saúde mental, pois eles “[...] auxiliarão os profissionais na rastreabilidade dos documentos que foram organizados e armazenados [...]” (NASCIMENTO, 2020, p.187).

Entre signos, significados e significantes, não podemos jamais esquecer do poder que detém a palavra. Se nos desenhos, nas pinturas, nas esculturas, nos bordados, o dito “louco” se manifesta, nas palavras ele se acalenta. Nelas e nas suas suas entrelinhas, reside com um poder imensurável de modificação. De dar a si mesmo um significado antes tão distante, agora próximo, palpável, a uma visão de si mais compreensível pelo outro e por outro.

O caminho para chegar às palavras pode parecer o mais curto, mas quando nos referimos a uma população marginalizada, esse caminho é tortuoso. E essa vereda passa, diretamente, pelas bibliotecas.

Nos contexto das redes de saúde mental, as bibliotecas tem poder e potencial de transformação. É necessária a observação de mudanças vindas no campo da psiquiatria, aqui já relatadas, a biblioteca, como aponta Chagas e Pizarro (2016), “[...] é uma instituição que acompanha o desenvolvimento e as transformações sociais.” (CHAGAS; PIZARRO, 2016, p. 936). É preciso firmar esse papel social das bibliotecas:

A função da biblioteca deve ir além da concepção de organizar e preservar acervos. Ela deve assumir um papel mais significativo para a sociedade quando suas ações são destinadas com o intuito de modificação das estruturas sociais. (CHAGAS; PIZARRO, 2016, p. 936).

A criação de bibliotecas em espaços de saúde mental deve ter um olhar diferente das bibliotecas que estamos acostumados. Chagas e Pizarro (2016) adentram essa implantação de bibliotecas pelo campo da ética:

Quando pensamos na importância de se criar redes de bibliotecas nos ambientes de saúde mental, entramos, de certa maneira, no campo da ética. Por um lado, podemos pensar a ética no sentido da missão profissional e, por outro lado, no que se refere à questão do cuidado. Ou seja, as implicações de uma dimensão entre o Eu, o outro e uma totalidade transcendental, quando refletimos além do nosso egocentrismo para adentrar na necessidade do outro. Perceber essa necessidade como um direito que o outro tem. (CHAGAS; PIZARRO, 2016, p. 936-937).

Conforme Chagas e Pizarro (2016), a necessidade de se guiar pelo campo da ética é para se ter “[...] um olhar clínico e humanizado para com aqueles que estão marginalizados em nossa sociedade.” (CHAGAS; PIZARRO, 2016, p. 937). Já o bibliotecário, ainda em conformidade com Chagas e Pizarro (2016), precisa “[...] privilegiar atividades para além do tecnicismo [...]” (CHAGAS; PIZARRO, 2016, p. 939). Ou seja, tanto a biblioteca como o bibliotecário, necessitam fornecer a socialização, não ficar preso apenas ao seu trabalho técnico, é preciso criar um ambiente acolhedor para os usuários que frequentam esses espaços, para que possamos “[...] enxergá-la como um recinto dinâmico e mágico.” (CHAGAS; PIZARRO, 2016, p. 938).

Tal como o museu, a biblioteca também tem o poder de ressignificação, “[...] não se reduz meramente aos artefatos, matéria bruta que suporta a escrita [...] Um olhar, uma palavra, uma ação direcionado ao outro já é uma informação.” (CHAGAS; PIZARRO, 2017, p. 17).

Detendo esse poder de transformação, a biblioteca nestes espaços vai além do seu acervo, que devem atender tanto os profissionais como os usuários. Ela necessita ser mais ativa, suas ações mais corriqueiras. Uma sugestão interessante, também, é nos dada por Chagas e Pizarro (2017):

[...] as bibliotecas nos ambientes de saúde mental podem assumir a responsabilidade de serem espaços de lazer, de interação, de trocas intersubjetivas e de aprendizagem. Como espaços criativos, podem abrir as suas portas para que as oficinas terapêuticas ocorram dentro das próprias bibliotecas: sejam oficinas de pintura, de alfabetização, de música, de biblioterapia etc. Elas, as bibliotecas, também podem ser espaços de exposição das próprias produções dos usuários dos CAPS. (CHAGAS; PIZARRO, 2017, p. 7).

Essa sugestão de biblioteca proporciona, com a leitura e a biblioterapia, ferramentas a serem utilizadas pelos bibliotecários, abrange as oficinas de pintura, música, escrita terapêutica, exposições, saraus, como outras competências.

3.2 POTENCIALIDADE DA INFORMAÇÃO

A potencialidade da informação “[...] é o ponto-chave para o processo persuasivo e um estimulante para a mudança de comportamento.” (CRUZ *et al.*, 2012, p. 4). Fidelis (2014) demonstra a necessidade dessa potencialidade informacional “[...] é importante perceber a informação como vetor de renovação e reprodução dos componentes simbólicos do mundo vivido [...]” (FIDELIS, 2014, p. 135).

Cruz *et al.* (2012) e Fidelis (2014) percebem a potencialidade da informação como processo essencial para mudanças. Assim posto, é preciso compreender a potencialidade da informação no que concerne à saúde mental e sua utilização na Ciência da Informação.

A referência a respeito da sanidade mental de um indivíduo passa por processos dentro de uma organização de saúde mental que possuem tal poder, essa informação enquanto clínica, de acordo com Sanches Neto e Lima (2016), é “uma cadeia espiralada e fluída [...]” (SANCHES NETO; LIMA, 2016, p. 66). Assentindo com os mesmos autores, tais informações possuem delineamentos históricos específicos e amplos. Sanches Neto e Lima (2016) explicam que os planos específicos são: “[...] tipo de informação, comunidades, demandas, usuários [...]”

(SANCHES NETO; LIMA, 2016, p. 66). Quanto aos esquemas amplos, fundamentados em Foucault, é o “[...] regime de validação, de verdade, de saber, dispositivos/machineries disponíveis [...]” (SANCHES NETO; LIMA, 2016, p. 66). Utilizando-se dos mesmos autores vemos a produção de informação da seguinte forma:

A produção de informação refere-se a um momento interno, dependente das concessões e limitações anteriores, mas que, efetivamente, acontece no cruzamento de determinada forma de descrever determinado documento/informação com as possibilidades compreensivas (conhecimentos e vivências anteriores) do sujeito/usuário. (SANCHES NETO; LIMA, 2016, p. 68).

Um agente necessário nessa construção de informação e, posteriormente, para a potencialidade da informação como aspecto individual e social é o documento clínico. Sanches Neto e Lima (2016) avaliam a produção de documento como a etapa mais complexa de ser identificada, pois, é uma etapa polissêmica, “[...] refere-se à construção de determinada enunciação tanto quanto à sua “fixação” de determinada enunciação em documento [...] A produção de documento é, portanto, referente à enunciação e codificação de determinado saber [...]” (SANCHES NETO; LIMA, 2016, p. 69). Visto o delineamento, específico e amplo, “[...] o prontuário médico é dependente deste ciclo da informação/documento [...]” (SANCHES NETO; LIMA, 2016, p. 69). Lima e Sanches Neto (2017) denunciam o prontuário médico e sua relação de poder:

[...] o prontuário médico, como qualquer outro documento está ligado a um emaranhado de mecanismo e formas de poder que só tem o seu funcionamento permitido em um determinado regime de validação. (LIMA; SANCHES NETO, 2017, p. 9).

Em suas pesquisas, no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, Lima e Sanches Neto (2017) constataram que a sequência de um prontuário seguia um processo de anamnese composto por três itens:

1. Anamnese familiar, onde seriam questionados e anotados dados referentes à família do paciente [...];
2. Anamnese pessoal, onde a vida do paciente era questionada;
3. H.D.A (História da Doença Mental), muitas vezes escrito pelo médico e o paciente [...] (LIMA; SANCHEZ NETO. 2017, p. 15-16).

Lima e Sanches Neto (2017) constatam que numa posição hierárquica “o hospital estava associado a um lugar de tratamento de “psicopatas”.” (LIMA; SANCHES NETO, 2017, p. 15)

Detendo a informação documentada é imprescindível a avaliação e validação de sua potencialidade, tanto para o paciente como para a sociedade. Sanches Neto e Lima (2016) consideram que tal “[...] documento médico é referente à sua informatividade e sua relevância remete ao acesso potencial de cidadãos a informações [...]” (SANCHES NETO; LIMA, 2016, p. 75). Do mesmo modo, Soella e Fagundes (2019) analisam que o “seu processamento objetiva a obtenção de informações a respeito de um fenômeno psicossocial [...]” (SOELLA; FAGUNDES, 2019, p. 256).

Observa-se que “a maior parte dos portadores de transtornos psíquicos, especificamente, dos pacientes depressivos, não tem acesso às informações relevantes sobre a gravidade do adoecimento [...]” (SAMPAIO; DANTAS; ALENCAR 2020, p. 285). Essa realidade nos faz pensar: de que maneira podemos levar a informação contida no prontuário para o paciente, tendo em vista todo o potencial de informações, que por muitas vezes são restritivas apenas aos especialistas, para o paciente com algum tipo de transtorno psíquico? Novamente, Sanches Neto e Lima (2016), observam que “[...] a fase menos evidente seja o momento de prontidão cognitiva entre necessidade informacional e as possibilidades documentais de um usuário para a geração de novos saberes.” (SANCHES NETO; LIMA, 2016, p. 68). Ainda, Sanches Neto e Lima (2016) constatam que o:

[...] acesso à informação possui muitas fases e não se limita, exclusivamente, ao momento de recuperação do documento/informação. Para ele concorrem todos os mecanismos que dão condições de acesso à informação como a disponibilidade de acesso [...] (SANCHES NETO; LIMA, 2016, p. 68).

Para conseguir utilizar os dados sobre os pacientes e compreender melhor seus transtornos, utiliza-se ferramentas oferecidas pelos especialistas com o intuito de um autocuidado mais consciente, e é crucial que a instituição permita que o cientista da informação atue com o médico, na intermediação da informação do prontuário médico com o paciente, observando-se que nem todas as informações são do alcance do mesmo.

A museologia é uma área pertencente à Ciência da Informação que já obtém um olhar mais acurado para o enfermo obter um conhecimento sobre seus transtornos, de modo consciente, a trabalhar para que isso seja exposto, tanto para os especialistas quanto para a sociedade. Sendo permitido que o indivíduo possa se expressar e assim, tal informação expressa, encontre seus pares e indivíduos semelhantes, para que um se reconheça no outro, percebendo-se, assim, a informação potencial nas expressões artísticas desses com transtornos psicossociais.

Sobre esse encontro potencial de uma informação subjetiva do sujeito para o outrem, Veiga (2013) identifica que “através do olhar do outro ela passa a ter vida própria, se expandindo como uma rede de conexões múltiplas, percorrendo labirintos de imaginários, em um ciclo inesgotável de possibilidades de (re)significações perpetuando a memória [...]” (VEIGA, 2013, p. 25).

Essa transferência de informação de um para outro é percebida por Cappra (2014), a autora relata que “objetos construídos como lugares de memória possibilitam, enquanto, considerados narrativas imagéticas, troca de informações, espaço de inacabamentos com potência para produzir novas relações na história do nosso presente.” (CAPPRA, 2014, p. 32).

A partir do exposto, observa-se a potencialidade da informação como algo mais palpável e não somente como ideias que dificilmente serão postas em prática. Tais observações seguem no trabalho de Cappra (2014) acerca do processo de potencialização da informação, mas aqui já não mais tratando apenas da informação transferida entre os especialistas e seus pares, profissionais e comunidade, por mais importante que seja esse processo. Cappra (2014) traz um olhar mais íntimo do indivíduo no seu processo de informação subjetiva:

No trabalho de rememoração e de sua transmissão, deparamo-nos com construções de caráter privilegiadamente subjetivo que, entretanto, não se restringem apenas àquele narrador em específico, uma vez que o mesmo está sempre sendo recolocado em um contexto maior que o constitui e do qual fez ou faz parte. (CAPPRA, 2014, p. 45).

Como observado por autores supracitados, a potencialidade da informação reside na sua atuação de transformação do *status quo* do indivíduo perante a ele mesmo e a sociedade: “não se trata de resgatar memórias para melhorar um futuro

que ainda não chegou. Trata-se, ao contrário, da transformação do atual presente [...]” (CAPPRA, 2014, p. 47).

3.3 ANSIEDADE INFORMACIONAL

Com o intuito de situar-se nessa subseção achamos necessário, primeiramente, estabelecer algumas definições, brevemente, sobre a ansiedade. Townsend (2009) avalia esta como “uma apreensão difusa que é vaga na sua natureza e está associada com sentimentos de incerteza e impotência” (TOWNSEND, 2009, p. 17). Já Hollander e Simeon (2008), fundamentados nas teorias freudianas, indicam que:

A ansiedade seria agora um afeto pertencente ao ego e atuaria como um ‘sinal’ alertando o ego para o perigo interno. O perigo se originaria do conflito intrapsíquico entre impulsos instintivos do id, proibições do superego e as exigências da realidade extrema. A ansiedade atuaria como um sinal dado ao ego para a mobilização da repressão e para a contraposição de outras defesas à ameaça do equilíbrio intrapsíquico. (HOLLANDER; SIMEON, 2008, p. 144).

É pertinente introduzir tais conceituações citadas sobre a ansiedade para adentrarmos na ansiedade informacional. Wurman (2001), conceitua a esta como:

[...] uma lacuna cada vez maior entre o que entendemos e o que pensamos que devemos entender. A ansiedade da informação é o buraco negro entre os dados e o conhecimento. Acontece quando a informação não nos diz o que queremos saber. (WURMAN, 2001, p. 14, tradução nossa).

A correlação entre o aumento exponencial da informação com a ansiedade da informação é evidente. Durigan e Moreno (2013) informa que já em 2002 existiam mais de 3 bilhões de páginas disponíveis na internet (DURIGAN; MORENO, 2013, p. 91); quase vinte anos depois observamos “a incapacidade do homem em saber lidar com esse excesso [...]” (OLIVEIRA, 2011, p 33); sendo esse cenário, na visão de Oliveira (2011), o principal causador da ansiedade da informação. Oliveira (2011) ainda completa que “[...] a quantidade é priorizada em favor da qualidade [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 10); que ocasiona a sensação de sobrecarga informacional.

Porém, não é apenas a quantidade de informação que é prejudicial à saúde mental, a falta de — ou a percepção de que tem falta — informação também é. Corroborando com essa ideia, Pereira (2019) identifica que a ansiedade informacional “[...] pode afetar um indivíduo tanto pelo excesso de informações quanto pela falta de informações [...]” (PEREIRA, 2019, p. 34). Oliveira (2017), partindo dessa mesma linha, traz dois termos que definem o excesso e falta de informação: a obesidade informacional e a bulimia informacional. Nas palavras da autora:

A ansiedade de informação está relacionada com alguns termos como obesidade informacional, que pode ser entendida como uma consequência da explosão da informação, que é quando se consome informação em excesso, e não se sabe como utilizá-la. E com o termo bulimia informacional, que também pode ser entendida como uma causa da explosão informacional, visto que a informação recuperada é vasta, porém é pouco explorada e não se reserva um tempo para digerir o conteúdo a fim de internalizá-lo (OLIVEIRA, 2017, p. 31).

A explosão informacional, citada por Oliveira (2017), é um dos principais fatores responsáveis por uma sociedade ansiosa de informação. Em consonância com Oliveira (2011):

A explosão informacional incentiva as pessoas a consumirem informação, com a intenção de satisfazer uma necessidade resultante do mundo atual – a necessidade de se manter atualizado, de conhecer, de saber em demasia. (OLIVEIRA, 2011, p. 10).

O sujeito inserido na sociedade da informação, provindo da explosão informacional, logo se encontra perdido neste oceano infindável. Ele quer - e muitas vezes, é exigido - a saber de tudo, ter opiniões sobre qualquer assunto, mesmo que esse não detenha dos meios suficientes, ou pior, detenha referências falsas. Pereira (2019) relata essa exigência para que “[...] sejamos cada vez mais informados, seja na vida profissional ou pessoal, seja em momentos de trabalho ou de lazer.” (PEREIRA, 2019, p. 30).

Essa obrigatoriedade de se deter informações, na sociedade da informação, leva os sujeitos inseridos ao “[...] sentimento de culpa por não manter-se atualizado.” (ALVES, BEZERRA; SAMPAIO. 2015, p. 131); visto que, com o advento das tecnologias a informação passou a ser consumida desenfreadamente. Schott (2019) preleciona que:

A tecnologia e a informatização trouxeram avanços nunca antes vistos, imprescindíveis para a evolução da humanidade, mas essa mesma revolução digital também levou a formação de um novo tipo de sociedade, que não para, que precisa estar alerta sempre. (SCHOTT, 2019, p. 15).

Nesse mesmo sentido, Souza e Vitorino (2018), discursam que “quanto mais submersos no mundo tecnológico e com acesso global aos meios de comunicação *online*, mais pessoas estão envoltas de informação.” (SOUZA; VITORINO, 2018, p. 2057). Tal meio de comunicação *online* é a internet, Oliveira (2011) vê a internet “[...] com conteúdo infinito à disposição [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 10). Logo, a informação pode ser recuperada a qualquer momento e em qualquer lugar, porém, ela não traz apenas benefícios, trazendo novamente à luz Alves, Bezerra e Sampaio (2015), ela nos entregam o sentimento de culpa, Oliveira (2017) explica o motivo:

Esse peso que colocamos em nós mesmos pode ser compreendido pelo fato de hoje termos acesso à informação na palma da mão. Em poucos segundos somos capazes de localizar qualquer informação em qualquer lugar do mundo. (OLIVEIRA, 2017, p. 29).

É bastante comum, principalmente entre os mais jovens, o uso a todo momento do celular com acesso à internet. Novamente, Alves, Bezerra e Sampaio (2015) detém a ideia de que “[...] não se trata do vício de estar conectado a todo momento à *web*, mas, de fixamente procurar informações das mais diversas maneiras.” (ALVES; BEZERRA E SAMPAIO, 2015, p. 132).

Em suas entrevistas com alunos de pós-graduação da UFRGS, Oliveira (2011) apresenta a contradição da internet ser a principal fonte de recuperação da informação e, em simultâneo, ser a causa da ansiedade.

Se tomarmos como fato que o espaço virtual já não pode mais ser dissipado e que, por isso, recebemos cada vez mais e mais informações, precisamos encontrar modos de amenizar os impactos de ansiedade que ela causa com seus imensuráveis dados, informações e conhecimentos. É verdadeira a premissa que “a informação se transformou na força motriz de nossas vidas e melhorou a qualidade de vida das sociedades em vários aspectos [...]” (OLIVEIRA; SILVA. 2018, p. 4938). No entanto, ela precisa ser gerida consciente e objetivamente.

Compete, quiçá, ao profissional da informação torná-la mais precisa ao objetivo de quem a procura. Oliveira (2011) indica que “cabe ao profissional da

informação auxiliar a quem tiver interesse no processo de filtragem de modo a garantir fidedignidade nas informações selecionadas.” (OLIVEIRA, 2011, p. 76). Para Schott (2019) os bibliotecários “[...] podem orientar seus usuários sobre a importância de selecionar fontes e materiais para que saibam que não é possível ler tudo o que está disponível.” (SCHOTT, 2019, p. 14).

Nesse sentido, os bibliotecários precisam aplicar “métodos e técnicas de seleção e organização das informações [...]” (ALVES; BEZERRA; SAMPAIO, 2015, p. 136); tais métodos e técnicas aplicadas tendem a ter uma melhor compreensão das informações pelo usuário. A Informação é, sim, essencial, “[...] mas muito mais que ela é preciso absorvê-la de forma qualitativa [...]” (DURIGAN E MORENO, 2013, p. 104)

Com a informação filtrada por um profissional, é preciso que o sujeito aceite suas limitações. Conforme destaca Wurman (1990):

Aceita que há muitas coisas que não entenderás. Deixe o que não sabes despertar a tua curiosidade. Visualizar as palavras “não sei” como um balde que agora pode ser preenchido com a água do conhecimento. (WURMAN, 1990, p. 319, tradução nossa).

Saber gerir essa ânsia por informação é um passo fundamental na sociedade atual. Nem toda informação, por mais importante que seja, aparentemente, se aplica aquilo que se procura.

3.4 BIBLIOTERAPIA

Na Ciência da Informação a biblioterapia é, com certeza, a atividade mais difundida quando relacionamos a Ciência da Informação e saúde mental. Para Balbinotti (2017) ela é existente “[...] há milhares de anos, talvez desde os tempos dos homens das cavernas [...]” (BALBINOTTI, 2017, p. 45). O autor acredita que a arte rupestre, além de ser uma arma para a sobrevivência, também possuía o intuito catártico, tal como a biblioterapia “moderna”.

Sobre sua conceituação, Marc-Alain Ouaknin (1996) define, de maneira simplificada, o termo biblioterapia: “A palavra “biblioterapia” é composta de dois termos de origem grega, Βιβλίον e θεραπεία, “livro” e “terapia”. Deste modo, a

biblioterapia é a "terapia por meio de livros". (OUAKNIN, 1996, p. 11). Já Petit (2009) em suas pesquisas tem a seguinte sensação sobre a definição de biblioterapia:

As definições são múltiplas: em geral designa a utilização de materiais de leitura selecionados como suplemento terapêutico à cura medicinal ou psiquiátrica, mas recebe às vezes acepções mais amplas até o ponto de cobrir um conjunto de mediações culturais seguidas de discussões em grupo, em contextos que ultrapassam o ambiente hospitalar. (PETIT, 2009, p. 27.)

Tais definições são as mais propagadas nas pesquisas sobre biblioterapia. Ely (2011) apresenta três indicadores da biblioterapia que colaboram com a saúde mental: identificação, catarse e resiliência.

A identificação, de acordo com Ely (2011), “[...] é um processo psicológico [...] A identificação, por intermédio da leitura, ocorre entre o leitor/espectador/ouvinte e a atividade de leitura realizada.” (ELY, 2011, p. 28). Lalande (1933) explica a identificação como “ato pelo qual um ser se torna idêntico a um outro, ou pelo qual dois seres se tornam idênticos” (LALANDE, 1993, p. 509). Para um entendimento melhor do conceito de identificação, Ely (2011) revisita os termos projeção e introjeção.

A projeção e a introjeção são explicadas por Lopes (2012), para ela a projeção “[...] é transferir aos outros nossas ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos. O sujeito vai reconhecer, no outro, qualidades e sentimentos que desconhece ou recusa nele próprio.” (LOPES, 2012, p 45). Já a introjeção “[...] consiste em uma investigação na qual o sujeito assimila de fora para dentro.” (LOPES, 2012, p 45).

Seguindo as ideias de Ely (2011), observa-se o sentido de catarse. Ely (2011) define-a como purificação, purgação. Lalande explica que a catarse “[...] consiste em trazer de volta à consciência uma idéia ou uma recordação cujo recalçamento produz perturbações físicas ou mentais e assim desembaraçar o sujeito” (LALANDE, 1993, p. 140). A catarse tem como objetivo o equilíbrio mental (ELY, 2011, p. 30).

Por fim, Ely (2011) apresenta a resiliência, dizendo-o que é um termo novo, pois era originalmente usado na química e na física (ELY, 2011, P. 31). Para o autor a designação da resiliência:

[...] está associada a dois grandes pólos que são a adversidade – representado pelos eventos desfavoráveis – e a proteção – voltado para a compreensão dos fatores internos e externos ao indivíduo, que o levam a sua reconstrução diante do sofrimento causado por uma adversidade [...] (ELY, 2011, p. 31).

Para fins de aprofundamentos iremos abordar mais um conceito presente na biblioterapia: a introspecção ou *insight*. De acordo com Luz (2012), a introspecção “[...] leva o indivíduo a refletir sobre os seus sentimentos [...]” (LUZ, 2012, p.45), tal fenômeno é encontrado na resiliência.

Vale aqui também mencionar, de forma breve, as modalidades da biblioterapia, sendo elas: Biblioterapia Desenvolvimental, Biblioterapia Clínica e Biblioterapia Institucional.

A Biblioterapia Desenvolvimental “[...] é uma assistência literária personalizada que visa o desenvolvimento normal e progressivo do indivíduo que procurou por ajuda.” (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015, p 13). A sua realização e utilização, em conformidade com Almeida *et al.* (2013), é: “[...] realizada em grupo e com liderança do profissional bibliotecário, ou outro profissional. Sua meta é ajudar as pessoas a realizarem tarefas comuns e suportarem problemas diários. (ALMEIDA *et al.*, 2013, p. 6).

A Biblioterapia Clínica nas palavras de Almeida *et al.* (2013) “[...] compreende-se pelo uso de literatura imaginativa com grupo de pessoas que apresentam problemas emocionais ou comportamentais.” (ALMEIDA, 2013. p. 6); já sobre a sua realização, Almeida *et al.* (2013) enuncia:

[...] Pode ser realizado com um profissional bibliotecário ou com um profissional médico, sendo comum a união dos dois para a implementação do processo. O ambiente pode ser uma instituição ou uma comunidade e a principal meta é a mudança no comportamento. (ALMEIDA *et al.*, 2013, p. 6).

Por fim, adentramos na modalidade da biblioterapia que é mais tocante a essa pesquisa: A Biblioterapia Institucional. Tal modalidade de biblioterapia faz “[...] uso de literatura com clientes de uma instituição, individualmente” (ALMEIDA *et al.*, 2013, p. 6). Ora, por qual motivo essa terapia é pertinente a essa pesquisa? Os mesmos autores respondem à questão afirmando que:

A literatura é voltada para pacientes com problemas mentais e o tratamento é feito a partir de obras específicas, devidamente selecionadas, para a higiene mental do indivíduo. Esse tipo de biblioterapia é realizado com um profissional bibliotecário em conjunto com um ou mais profissionais da área médica. O objetivo deste método é informar e recrear. (ALMEIDA *et al.*, 2013, p. 6).

Não é que as outras modalidades não sejam importantes para esta pesquisa, no entanto, como o enfoque da pesquisa é relacionado à saúde mental, principalmente, de pacientes psiquiátricos, a Biblioterapia Institucional se torna mais latente. Porém, é necessário o uso correto da biblioterapia, com o intuito de exercer no paciente psiquiátrico os indicadores de melhora da saúde mental supracitado.

Há relatos que o início da biblioterapia no Brasil deu-se em hospitais psiquiátricos, tomando como verdade essa informação vemos que a biblioterapia cumpre papel relevante dentro destes espaços, pois “[...] a biblioterapia é um valioso aliado, pois existem casos em que o paciente tem grande dificuldade de expressar-se e de se comunicar [...]” (LUZ, 2012, p. 27), desta forma, em instituições psiquiátricas, a biblioterapia é um importante aliado, pois serve como uma pré-etapa para a análise do paciente.

Balbinotti (2017) avalia que “uma das grandes metas da biblioterapia é fazer com que o leitor se descubra e trabalhe seus sentimentos” (BALBINOTTI, 2017, p. 46). Essa descoberta é valiosa para os sujeitos que sofrem de transtornos mentais, pois “[...] do que se leu pode ser aplicada à própria vida.” (ANDRADE; MELO, 2017, p.165).

A palavra aqui descoberta e ressignificada à vida do sujeito toma voz e adquire significados. Caldin (2011) indica essa potência ressignificada da palavra, pois “[...] a palavra fazendo-se pensante e o pensamento, falante. A palavra deixou sua condição servil de atuar como instrumento do pensamento. Adquiriu um novo status, o de gesto significativo.” (CALDIN, 2011, p.31). A própria autora reconhece essa potência na sua própria escrita:

Como ser no mundo, valho-me da percepção e das palavras para alcançar o outro, compreendê-lo, influenciá-lo, atingi-lo, e, quiçá, modificar seu comportamento. Assim, cumpre resgatar o status da palavra, colocá-la em evidência [...] (CALDIN, 2011, p. 30).

Essa palavra em evidência com poder de modificação de comportamento, logo em seguida será ressignificada pelo sujeito, tal alteração é o procurado por

Andrade e Melo (2017) no processo da biblioterapia, pois “[...] visa desvelar horizontes de significados atribuídos pelo paciente.” (ANDRADE; MELO, 2017 p. 163).

Assim o sujeito receptor negociará os significados da narrativa (ANDRADE; MELO, 2017 p. 169); e se criará novos sentidos. Em oficinas de biblioterapia, algo que veremos mais adiante, Valencia e Magalhães (2015) observam que:

A multiplicidade de interpretações permite que os comentários sejam mais diversificados levando o indivíduo a ‘outro mundo’ ou onde pode ser quem quiser, expor os sentimentos que a leitura proporcionou, a troca de gestos, de expressões de alegria ou de angústia. (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 13).

Nesse sentido, as interpretações de outros podem levar o sujeito a ressignificar o signo já reconstruídos, obtendo-se assim a projeção e introjeção.

A leitura biblioterapêutica, assim, após passar pelos indicadores de Ely (2011), Lopes (2012) e Luz (2012), é uma “[...] ferramenta importante para que os sentimentos sejam aniquilados e que se tenha uma vida saudável.” (BALBINOTTI, 2017, p. 46).

Para que se chegue a esse aniquilamento é necessário que profissionais apliquem a biblioterapia nestes espaços, Valencia e Magalhães (2015) indica que a aplicação pode ser realizada por “[...] bibliotecários em conjunto com médicos, assistentes sociais, enfermeiras, psicólogos, entre outros profissionais.” (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 21).

Novamente, no que concerne essa pesquisa veremos como o bibliotecário, sendo ele participante da Ciência da Informação, pode, em conjunto com outros profissionais, realizar essas sessões.

Fonseca (2014) aponta que desde 1904 a biblioterapia é realizada pelos bibliotecários, adverte que “[...] com o advento da Sociedade da Informação e do Conhecimento, novas formas de serviços (re) surgiram, o que faz da biblioterapia mais uma atividade no desempenho do bibliotecário.” (FONSECA, 2014, p. 8).

Logo, esse profissional, pode e deve-se fazer parte das oficinas, porém “é importante a colaboração de profissional da área da saúde quando a biblioterapia é realizada em hospitais, clínicas [...]” (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015 p. 16). Contudo, isso não isenta o bibliotecário de se especializar na arte da biblioterapia, Fonseca (2014) aponta que:

[...] o bibliotecário que almeja desempenhar esta vertente da área deve buscar qualificação necessária, para aplicação da técnica em formação continuada para o exercício de biblioterapeuta. (FONSECA, 2014, p. 8).

Essa busca por qualificação é de suma importância, pois a biblioterapia, como já visto, contém muitas características pouco conhecidas nos cursos de graduação. Valencia e Magalhães (2015) apontam critérios básicos para a prática da biblioterapia:

[...] devem seguir alguns critérios básicos, como escolher um local adequado para desenvolver a atividade; usar de preferência materiais com os quais esteja familiarizado; selecionar materiais que estejam de acordo com a idade cronológica e emocional da faixa etária do grupo; selecionar materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos abordados, com exceção de materiais com conotação negativa do problema. (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 7).

Os critérios básicos apontados pelos autores são pouco vistos nos cursos de graduação. É uma lacuna que necessita ser pensada com mais acuro na área da Biblioteconomia.

Com o intuito de exemplificar oficinas de biblioterapias realizadas por bibliotecários, professores que atuam na graduação de Biblioteconomia e graduandos desta, trouxemos dois trabalhos que relatam experiências em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

O primeiro relato a ser analisado será dos autores Nadal, Kano e Mello (2020), essa experiência foi realizada no CAPS I Vovó Tônica em Jaguariaíva/PR. O relato inicia-se da seguinte forma: “A realização das oficinas de biblioterapia ocorria sempre em um espaço privativo, com pacientes do sexo feminino, todas sentadas ao redor de uma mesa de forma que pudessem olhar umas às outras.” (NADAL; KANO; MELLO, 2020, p. 114). Aqui já observamos os critérios básicos como a utilização de um local adequado, como uma potencial identificação de pares e suas ramificações: projeção e introjeção. Continuando o relato:

Eram utilizados diversos tipos de textos para a realização das atividades, como crônicas, poemas, contos, notícias e canções. Os assuntos abordados nos textos tratavam de diversos temas, como o amor, a amizade, as diferenças, amor próprio e os gestos simples, entre outros. Ao final, eram confeccionados materiais inspirados nos textos que foram lidos, tais como marcadores de páginas, origamis, desenhos e/ou jogos interativos. De maneira geral, as atividades despertaram a criatividade das pacientes, ao

mesmo tempo em que tornavam mais claros os sentidos atribuídos ao texto. (NADAL; KANO; MELLO, 2020, p. 114).

Percebemos, no trecho acima, a seleção de materiais e logo em seguida as palavras eram ressignificadas e transformadas em marcadores de páginas, desenhos, origamis e jogos interativos. O indicador de identificação fica latente no trecho a seguir:

Durante as discussões acerca dos temas propostos pelos textos, independentes do assunto tratado, diversas linhas de pensamento foram abertas, e as participantes puderam expor suas opiniões buscando relacionar as discussões com suas próprias histórias e experiências. (NADAL; KANO; MELLO, 2020, p. 114).

Como foi uma experiência curta, não houve a percepção de uma mudança de equilíbrio emocional, isso é a catarse, nem a resiliência. Mesmo assim, neste relato, foi possível observar alguns conceitos presentes na biblioterapia.

O segundo trabalho que iremos analisar é o de Chagas e Pizarro (2019), os participantes desta oficina foram os usuários do CAPS de Florianópolis, realizado na Biblioteca Central da UFSC. A atividade foi realizada na Sala Harry Laus e as obras selecionadas foram: “O trem da amizade” de Wolfgang Slawski e “O menino Nito” de Sonia Rosa. A justificativa para a escolha das obras foram para “O trem da amizade”:

É possível realizar uma metáfora da viagem do trem com o próprio fluxo temporal dos indivíduos lançados na vida. Esta obra supriu o nosso desejo de que era de trabalhar vínculos, as amizades, a solidão e como poderíamos pensar uma maneira de promoção da saúde mental. (CHAGAS; PIZARRO, 2019, p. 86).

Já a escolha da obra “O menino Nito” se justifica, pois: “é uma história bela sobre como lidar com os sentimentos, emoções e afetos, questões de extrema importância para evitar as doenças psicossomáticas. Foram discussões e reflexões riquíssimas sobre o cuidar de si.” (CHAGAS; PIZARRO, 2019, p. 87).

Nas discussões sobre as obras observou-se novamente a identificação e a introspecção, esse último encontrado na resiliência. O trecho identificado tais indicadores é relatado por Chagas e Pizarro (2019):

Muitos associaram alguns trechos da literatura com a própria narrativa da vida pessoal. Foi um momento importante, singular e riquíssimo de afeto e de sentimento compartilhado. Surgiram falas como: “Eu me vi nessa história”,

“Eu já passei por situação semelhante” ou “Essa história me fez refletir sobre a minha vida. (CHAGAS; PIZARRO, 2019, p. 88).

Nesses dois casos aqui tratados foi possível observar a função que cumpre a biblioterapia em espaços de saúde mental. É recomendável que mais profissionais e pesquisadores da Ciência da Informação realizem, aprofundadamente, oficinas de biblioterapia com pacientes dos CAPS.

Em síntese, o que vimos nesta seção foram as principais abordagens dos pesquisadores da Ciência da Informação que trabalharam com a temática da saúde mental. Versa a função dela a respeito das mais diversas memórias sobre o assunto da saúde mental. Disserta sobre o documento médico e expressões artísticas enquanto potência de informação. Explana o problema social da ansiedade informacional e, por fim, discorre, sobre a biblioterapia e o modo que ela contribui na melhoria da saúde mental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta pesquisa proporcionou uma análise das publicações nas bases de dados brasileiras BRAPCI, SABI e PERI acerca da saúde mental, entre os anos de 2011 a 2020. Trata-se de uma temática social, pois houve um crescimento de pessoas com transtornos psicossociais em nossa sociedade. Neste contexto, percebeu-se a necessidade de avaliar as publicações dos pesquisadores da Ciência da Informação e compreender como o assunto vem sendo abordado nos últimos anos. Assim, foi possível examinar o estado da arte sobre o tema da saúde mental na Ciência da Informação.

Notou-se, durante o período da pesquisa, pouca produção dos pesquisadores da área da Ciência da Informação sobre saúde mental. Ainda que a ênfase dada aos estudos sobre o tema remetesse aos elementos ligados à ansiedade informacional e, principalmente, a biblioterapia. No entanto, há publicações que retomam as memórias, sejam elas do paciente com transtornos psicossociais nas suas expressões artísticas, da Reforma Psiquiátrica Brasileira ou até mesmo das torturas realizadas antes da Reforma. Há outras publicações que tentaram identificar o poder da informação e sua potencialidade, quando se trata do prontuário médico.

Observou-se que a base de dados que mais recuperou referências sobre saúde mental foi a BRAPCI que obteve uma percentagem considerável de 65,6% dos trabalhos significativos para este estudo. A base de dados PERI foi a que menos recuperou artigos significativos e o SABI recuperou 31,3%. Dando um destaque para o SABI que teve 10 publicações selecionadas, sendo sua totalidade, Trabalhos de Conclusão de Curso. Esses dados mostram que existem poucos estudos sobre o tema dos alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para a averiguação das publicações sobre saúde mental nas bases de dados nacionais pesquisadas foi utilizado o método de Bardin. Foi realizada uma análise qualitativa dos dados e para a autora a qualitativa não exclui a quantitativa. O exame nas bases de dados começou com uma leitura flutuante, isto é, uma exploração mais sofisticada dos resumos e palavras-chave, seguido da exploração do material que, de acordo com Bardin (2016), é a fase mais extensa da pesquisa, pois, é preciso ler

os textos integralmente e, por fim, o tratamento do resultado, a inferência e a interpretação.

Desta forma, este estudo verificou quais perspectivas sobre o tema são adotadas na Ciência da Informação e quais os elementos que se destacam na abordagem sobre o tema. Além disso, os estudos mostraram de que modo os bibliotecários podem atuar profissionalmente para a melhoria da saúde mental do indivíduo e da sociedade.

Esta pesquisa, não abrangeu estudos da Ciência da Informação fora do Brasil, pois, se limitou a averiguar apenas bases de dados brasileiras. Porém, sabe-se que há mais estudos sobre a saúde mental na Ciência da Informação em bases de dados internacionais. Desse modo, é possível a realização de outras pesquisas abordando as bases internacionais, com um período maior de tempo.

Por fim, tendo em vista os resultados obtidos neste estudo, conclui-se que as pesquisas acerca da saúde mental por pesquisadores brasileiros da Ciência da Informação são poucas e precisam de aprofundamento. É necessário que esse tema da saúde mental seja mais explorado na Ciência da Informação, tendo em vista, que os transtornos mentais cresceram consideravelmente nas últimas décadas, seja pela pressão de uma sociedade do desempenho, seja pela explosão informacional.

Considerando o contexto da pandemia da COVID-19, quando precisou-se lidar tanto com o isolamento social e o temor de se contrair a doença que trouxe novas implicações na saúde mental das pessoas. Nesse sentido, aponta-se a necessidade de mais pesquisas e reflexões no tema da saúde mental na Ciência da Informação e que os pesquisadores desta área entendam que o assunto pode ser debatido com o olhar da Ciência da Informação e também compreendam a urgência do mesmo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. M.; GOMES, M. N.; SILVA, D. M. S.; SILVA, M. L. Biblioterapia: o bibliotecário como agente integrador e socializador da informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/81223>. Acesso em: 13 out. 2021.

ALVES, E. N. P.; BEZERRA, S. F.; SAMPAIO, D. A. Ansiedade de informação e normose: as síndromes da sociedade da informação. **Biblionline**, v. 11, n. 1, p. 130-139, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16494>. Acesso em: 09 out. 2021.

AMARANTE, Natasha Duarte. **Papel social dos algoritmos**: uma análise dos estudos acadêmicos acerca dos algoritmos e sua função social. 2021. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/222098/001126379.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 set. 2021.

ANDRADE, L. V.; MELO, A. C. V. Um diálogo entre a vida real e a literatura infanto-juvenil: uma experiência de leitura na perspectiva da produção de sentidos. **Informação@Profissões**, v. 6, n. 1, p. 162-173, 2017. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/67378>. Acesso em: 13 out. 2021.

BALBINOTTI, S. Páginas ansiosas: uma viagem pelo oceano da ansiedade até desembarcar na ilha da biblioterapia. **Biblionline**, v. 13, n. 1, p. 43-50, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001052699&loc=2017&l=5558f03296547cf3>. Acesso em: 13 out. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997. Disponível em: [file:///C:/Users/Gregory/Downloads/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Gregory/Downloads/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo%20(1).pdf). Acesso em: 20 abr. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/439402201/Analise-de-Conteudo-Bardin-2016-pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

BORGES, Viviane. Memórias difíceis: Hospital Colônia de Barbacena, reforma psiquiátrica brasileira e os usos políticos de um passado doloroso. **Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST** - vol.10, nº 1, 2017. Disponível em:

<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/528/54>
4. Acesso em: 30 set. 2021.

BUFREM, L. S.; COSTA, F. D. O.; GABRIEL JUNIOR, R. F.; PINTO, J. S. P. Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/about>. Acesso em: 25 out. 2021.

CALDIN, C. F. A teoria merleau-pontyana da linguagem e a biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 9, n. 1, p. 23-40, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40062>. Acesso em: 12 out. 2021.

CAPPRA, Tania Regina. **Tecendo Memórias**: narrativas de lembranças suportadas em costuras e bordados. 2014. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000953185&loc=2015&l=b690f7f09c622114>. Acesso em: 01 out. 2021.

CARDOSO, Thaís Bender. **Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre/RS**: espaço de memória e representatividade social. 2020. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001131169&loc=2021&l=956cd7837f763ed7>. Acesso em: 30 set. 2021.

CHAGAS, R. L.; PIZARRO, D. C. Atividade de biblioterapia com usuários dos centros de atenção psicossocial da biblioteca central da UFSC. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, p. 72-91, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127460>. Acesso em: 13 out. 2021.

CHAGAS, R. L.; PIZARRO, D. C. Bibliotecas em ambientes de saúde mental: estudo sobre a necessidade de implantação de uma rede de bibliotecas nos centros de atenção psicossocial de Florianópolis. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104480>. Acesso em: 29 set. 2021.

CHAGAS, R. L.; PIZARRO, D. C. Bibliotecas em ambientes de saúde mental: um diálogo interdisciplinar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 21, n. 3, p. 930-943, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/63828>. Acesso em: 29 set. 2021.

COLBARI, A. A análise de conteúdo e a pesquisa empírica qualitativa. In: SOUZA, E. M. (Org.). Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico conceitual. Vitória: EDUFES, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/356545079/Metodologias-e-analises-qualitativas-em-pesquisa-organizacional-uma-abordagem-teorico-conceitual-pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

CRUZ, K. G. S; SANTOS, M. J. F; MATOS, V. S.; FERREIRA, F.R.C. Análises das Estratégias Persuasivas e a Sedução das Audiências no VT Assolation. **Congresso Brasileiro da Ciência da Comunicação**, n. XXXV INTERCOM, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8695/2/An%c3%a1liseEstrat%c3%a9giasPersuasivasVTAssolation.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

DURIGAN, G. M.; MORENO, N. A. O fluxo e a demanda de informação: a busca pelo ponto de equilíbrio na sociedade da informação. **Ponto de Acesso**, v. 7, n. 2, p. 89-106, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81412>. Acesso em: 09 out. 2021.

ELY, Ramon. **Leitura & Terapia**: biblioterapia para enfermos do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. 2011. 73 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000819884&loc=2012&l=c1d383f5c0f29eed>. Acesso em: 12 out. 2021.

FIDELIS, Marli Batista. **O fenômeno da informação na perspectiva dual de sociedade de Jürgen Habermans**. Orientador: Raimundo Nonato Macedo dos Santos. 2014. 160 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/15218/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o_Marli_Fidelis_23_01_2015%20%282%29.pdf. Acesso em: 1 out. 2021.

FIOCRUZ. **OMS**: suicídio é causa de morte a cada 40 segundos. 2019. Disponível em: <https://saudeamanha.fiocruz.br/oms-suicidio-e-causa-de-morte-a-cada-40-segundos/#.YIRb5ehKjIU>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FONSECA, K. H. S. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 19, n. 1, p. 6-12, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76029>. Acesso em: 13 out. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: [file:///C:/Users/Gregory/Downloads/GIL%20-%20Como%20elaborar%20projeto%20de%20pesquisa%20\(2002\).pdf](file:///C:/Users/Gregory/Downloads/GIL%20-%20Como%20elaborar%20projeto%20de%20pesquisa%20(2002).pdf). Acesso em: 19 abr. 2021.

GONZÁLEZ DEGÓMEZ, Maria Nélide . Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Datagrama zero**: Revista de Ciência da Informação, v. 1, n. 6, p. 1-11, dez. 2000. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/127/1/GomesDataGramZero2000.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia da Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. 623 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/489757466/metodologia-pesquisa-Roberto-Sampieri-Carlos-Collado-Maria-Lucio-2013>. Acesso em: 25 set. 2021.

HOLLANDER, Eric; SIMEON, Daphne. **Transtornos de Ansiedade**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 271 p. Tradução de: Magda Franca Lopes. Disponível em: [file:///C:/Users/Gregory/Downloads/Transtornos%20de%20ansiedade%20by%20Eric%20Hollander,%20Daphne%20Simeon%20\(z-lib.org\).pdf](file:///C:/Users/Gregory/Downloads/Transtornos%20de%20ansiedade%20by%20Eric%20Hollander,%20Daphne%20Simeon%20(z-lib.org).pdf). Acesso em: 09 out. 2021.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Forte, 1993. 1336 p. Disponível em: [file:///C:/Users/Gregory/Downloads/Vocabul%C3%A1rio%20t%C3%A9cnico%20e%20ocr%C3%ADtico%20da%20Filosofia%20by%20Andr%C3%A9%20Lalande%20\(z-lib.org\).pdf](file:///C:/Users/Gregory/Downloads/Vocabul%C3%A1rio%20t%C3%A9cnico%20e%20ocr%C3%ADtico%20da%20Filosofia%20by%20Andr%C3%A9%20Lalande%20(z-lib.org).pdf). Acesso em: 11 out. 2021.

LIMA, M. H. T. F.; SANCHES NETO, A. P. O documento médico na construção do abjeto. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/105372>. Acesso em: 01 out. 2021.

LOPES, Rosane. **Biblioterapia**: um estudo de caso da prática de leitura realizada com pessoas com necessidades psicossociais. 2012. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000855809&loc=2012&l=5317137c32c26f7f>. Acesso em: 12 out. 2021.

LUZ, Verônica Flores. **A melhoria da qualidade de vida dos doentes crônicos através da literatura espírita**. 2012. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000872473&loc=2013&l=e93cca7d39f7cb95>. Acesso em: 12 out. 2021.

MACEDO, Neusa de Dias. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994. 59 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2z0A3cc6oUEC&oi=fnd&pg=PA7&dq=pesquisa+bibliogr%C3%A1fica&ots=SD-i3nztDI&sig=XYyqQGhXiAQcX2mNEib0HOWbALk#v=onepage&q=pesquisa%20bibliogr%C3%A1fica&f=false>. Acesso em: 01 maio 2021.

MINAS GERAIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Base Peri**. Disponível em: <http://biblio.eci.ufmg.br/produtos-e-servicos/bases-de-dados-eci/base-peri/>. Acesso em: 25 out. 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, jan. 1999. Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

MORESI, Eduardo (org.). Metodologia da Pesquisa. Brasília. 2003. Disponível em: https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/3647964/mod_resource/content/1/classifica%C3%A7%C3%A3o_metodologia_da_pesquisapdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

NADAL, L. M. K.; KANO, I. T.; MELLO, J. C. R. Humanização e direito à educação através da biblioterapia. **Biblionline**, v. 16, n. 1, p. 110-116, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/148815>. Acesso em: 13 out. 2021.

NASCIMENTO, N. M. Reflexões sobre a importância do arquivista em instituições de saúde. **Archeion Online**, v. 8, n. 1, p. 175-191, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.2318-6186.2020v8n1.53641. Acesso em: 30 set. 2021.

OLIVEIRA, H. P. C.; SILVA, J. Ansiedade de informação revisitada: proposta de um questionário de medida. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103683>. Acesso em: 12 out. 2021.

OLIVEIRA, Marta de. **Os efeitos de ansiedade de informação no comportamento informacional de alunos de graduação em mobilidade acadêmica no exterior**. 2017. 91 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001048908&loc=2017&l=1b4fefda0ef9b7dc>. Acesso em: 09 out. 2021.

OLIVEIRA, Natália Gastaud de. **Ansiedade Informacional**: o caso dos estudantes de pós-graduação da universidade federal do rio grande do sul. 2011. 89 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000819869&loc=2012&l=27410122c84df3aa>. Acesso em: 09 out. 2021.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PEREIRA, Adriana Soares et al (org.). Metodologia da pesquisa científica. Santa Maria: Ufsm, 2018. Disponível em:

file:///C:/Users/Gregory/Downloads/Metodologia%20da%20Pesquisa%20Cientifica.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

PEREIRA, Stheve Balbinotti. **Ansiedade Informacional: o caso dos estudantes do emancipa da unidade centro histórico de porto alegre**. 2021. 96 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001116387&loc=2020&l=da4d897939f47aef>. Acesso em: 29 set. 2021.

PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à diversidade. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RIBEIRO, D. C.; LAMB, N. E.; MASCARENHAS, W. F. Memória da loucura e as reflexões sobre a reforma psiquiátrica brasileira: o papel dos arquivos para a construção de políticas públicas na saúde mental. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 31, n. 1, p. 49-63, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/40620>. Acesso em: 05 out. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Sistema de Automação de Bibliotecas (SABi) Gestão**. Disponível em: <https://www1.ufrgs.br/catalogoti/servicos/servico?servico=534>. Acesso em: 25 out. 2021.

SALDANHA, G. S.; SILVA, M. L. G. Da loucura e da arte nos limites de uma epistemologia da organização do conhecimento. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104809>. Acesso em: 30 set. 2021.

SAMPAIO, D. A.; DANTAS, E. R. F.; ALENCAR, V. R. A. A informação na desconstrução de estereótipos dos quadros depressivos. **Revista Fontes Documentais**, v. 3, p. 281-288, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/151135>. Acesso em: 05 out. 2021.

SANCHES NETO, A. P.; LIMA, M. H. T. F. Entre silêncios e sussurros: a questão do acesso à informação sobre o 'louco', uma análise dos prontuários do hospital psiquiátrico de Jurujuba. **Logeion: filosofia da informação**, v. 3, n. 1, p. 64-79, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32965>. Acesso em: 01 out. 2021.

SCHOTT, Daniela Graciela. **Ansiedade informacional e competência informacional no contexto dos acadêmicos do curso de graduação de biblioteconomia da UFRGS**. 2019. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de

Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001100861&loc=2019&l=4b47ac02b3cbecca>. Acesso em: 09 out. 2021.

SOELLA, G. M.; FAGUNDES, P. E. Informação como evidência e saúde mental: hashtag "cut4zayn" e automutilação juvenil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, p. 252-265, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127512>. Acesso em: 01 out. 2021.

SOUZA, M. R.; VITORINO, E. V. Competência em informação e ansiedade de informação: estudo bibliográfico. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102191>. Acesso em: 03 nov. 2021.

TOWNSEND, Mary C. **Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria**: conceitos de cuidado na prática baseada na evidência. 6. ed. Lisboa: Lusociência, 2009. 922 p. Tradução de: Silvia Costa Rodrigues. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/372471046/Townsend-Enfermagem-Em-Saude-Mental-e-Psiquiatrica>. Acesso em: 09 out. 2021.

VALENCIA, M. C. P.; MAGALHÃES, M. C. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 29, n. 1, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23197>. Acesso em: 13 out. 2021.

VEIGA, Rosângela Broch. **Uma conversa entre telas**: o imaginário de vicent van gogh no cinema de akira kurosawa. 2013. 92 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000913151&loc=2014&l=10909ef6d8437745>. Acesso em: 01 out. 2021.

VIEIRA, José Guilherme Silva. Metodologia de pesquisa científica na prática. Curitiba: Editora Fael, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Gregory/Downloads/LIVRO-Metodologia%20de%20Pesquisa%20Cient%C2%A1 Fica%20na%20 pr+%C3%ADtica.pdf](file:///C:/Users/Gregory/Downloads/LIVRO-Metodologia%20de%20Pesquisa%20Cient%C2%A1%20Fica%20na%20pr%C3%ADtica.pdf). Acesso em: 19 abr. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and Other Common Mental Disorders**: global health estimates. Genebra: World Health Organization, 2017. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 abr. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide in the world**: global health estimates. Genebra: World Health Organization, 2019. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326948/WHO-MSD-MER-19.3-eng.pdf?ua=1>. Acesso em: 12 abr. 2021

WURMAN, Richard Saul. **Information anxiety**: hat to do when information doesn't tell you what you need to know. New York: Bantam Books, 1990. 361 p. Disponível em:
file:///C:/Users/Gregory/Downloads/Information%20Anxiety%20What%20to%20Do%20when%20Information%20Doesnt%20Tell%20You%20what%20You%20Need%20to%20Know%20by%20Richard%20Saul%20Wurman%20(z-lib.org).pdf. Acesso em: 02 out. 2021

WURMAN, Richard Saul. **Information Anxiety 2**. Nnn: Achar, 2001. 308 p. Disponível em:
file:///C:/Users/Gregory/Downloads/Information%20Anxiety%202%20(Hayden%20Quene)%20by%20Richard%20S%20Wurman%20(z-lib.org).pdf. Acesso em: 09 nov. 2021.